DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

PANORAMA DOS AQUÁRIOS PÚBLICOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Panorama of public aquariums in the city of Rio de Janeiro

José Alberto Pais*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo realizar um levantamento da história dos aquários públicos localizados na cidade do Rio de Janeiro. Diferentemente do observado em outros países, no Brasil, e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a história dos aquários públicos ainda está por ser escrita. Com o material recolhido, basicamente na hemeroteca da Biblioteca Nacional, foi possível traçar um breve panorama da história destes espaços expositivos presentes na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Aquário público. Patrimônio histórico. Museus com coleções vivas. Rio de Janeiro.

Abstract: This article aims to conduct a survey of the history of public aquariums located in the city of Rio de Janeiro. Unlike what is observed in other countries, in Brazil, and more specifically in the city of Rio de Janeiro, the history of public aquariums is yet to be written. With the material collected, mainly in the hemeroteca of the National Library, it was possible to trace a brief overview of the history of these exhibition spaces present in the city of Rio de Janeiro.

Key-words: Public aquarium. Historical heritage. Museums with living collections. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A exposição de organismos aquáticos vivos começa a ser efetivamente estruturada na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos no âmbito das propostas teóricas, em 1889, conforme documentação presente no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ, 1889). Esta iniciativa, de cunho privado, apesar de não ter se concretizado, é um fato que merece destaque, pois a primeira instituição pública aberta à visitação com o objetivo de expor representantes da fauna aquática foi o Aquário do Jardim Zoológico de Londres, inaugurado algumas décadas antes, em 1853.

Quando da inauguração do Aquário de Londres, o próprio termo *Aquarium* ainda não tinha sido cunhado, sendo esta instituição conhecida, inicialmente, como a “Casa dos Peixes” (*Fish House*).

* Biólogo, bacharel em Ecologia (UFRJ); Mestre e Doutor em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). Linha de estudo: Os seres vivos como objetos de museu; as coleções zoológicas vivas reais dos monarcas portugueses. E-mail: curassows@hotmail.com

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

O termo *Aquarium*, utilizado pela primeira vez por Philip Henry Gosse (GOSSE, 1854), veio substituir as antigas nomenclaturas *Aquatic vivarium* e *Aqua vivarium*, até então empregadas para a designação dos locais destinados à manutenção de seres aquáticos vivos. A partir de então, o próprio significado deste termo sofreu modificação, passando a designar não só o recinto expositivo para plantas e animais aquáticos, mas também todo o espaço expositivo formado pelo conjunto destes elementos, o qual era denominado *Aquarial Garden*.

Parte do material aqui apresentado teve a sua concepção realizada em 2012, como parte da dissertação de mestrado do autor deste artigo. Este material, com exceção do relato sobre o Aquário da Quinta da Boa Vista, não foi utilizado na versão final da dissertação.

A retomada da pesquisa sobre os espaços expositivos de organismos aquáticos - os aquários - presentes na cidade do Rio de Janeiro foi realizada em 2020, com a finalidade de rever e aprofundar o material inicialmente recolhido para sua divulgação, pois não existe um levantamento detalhado sobre a história destas instituições em nosso país, ao contrário do que ocorre em outros países - que, desde meados do século XIX, começaram a expor organismos aquáticos vivos. A cidade do Rio de Janeiro, apesar de pioneira nesta prática no Brasil, não apresenta um levantamento da história destas instituições que existiram, existem ou tiveram projetos elaborados para a implantação destes estabelecimentos na cidade.

Esta pesquisa, de cunho descritiva, foi realizada, basicamente, com o material recolhido na hemeroteca da Biblioteca Nacional e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, visando suprir a carência dos estudos sobre os espaços expositivos utilizados para a exibição de organismos vivos, na expectativa de servir de subsídio para futuros trabalhos sobre o assunto.

AQUÁRIO DA ENSEADA DE BOTAFOGO (AQUÁRIO FLUMINENSE)

O Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro possui, em seu acervo, um conjunto de documentos, datados de 1889, nos quais o Sr. Collatino Marques de Souza[1] solicita autorização para a construção de um aquário na baia de Botafogo. Este aquário, inicialmente denominado Aquário Fluminense, seria construído "na parte da Bahia de

[1] Collatino Marques de Souza foi tenente da marinha, tendo sido condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a medalha ao mérito por sua participação nas Campanhas do Uruguai (1864-1865) e do Paraguai (1864-1870). Foi responsável pela invenção de um processo para a preservação de alimentos, além de escrever vários livros sobre as viagens marítimas aos polos. (Blake, 1893, v. 2, p. 129-130).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Botafogo comprehendida no recanto formado pela Rua Marques de Abrantes e a extremidade do caes do morro da Viuva" (AGCRJ, 1889), conforme planta anexada ao ofício 222 encaminhado à Capitania dos Portos, em 24 de junho de 1889 (Figura 1). A autorização para a construção deste estabelecimento foi concedida em 8 de agosto deste mesmo ano, com a justificativa de que tal

> empreendimento concorrerá, poderosamente, não só para sanear aquella zona, livrando-a das exhalações mephiticas da grande area do mar, que fica à descoberto nas grandes mares, como para embellezar aquella Bahia tão apriciada pelos estrangeiros (AGCRJ, 1889).

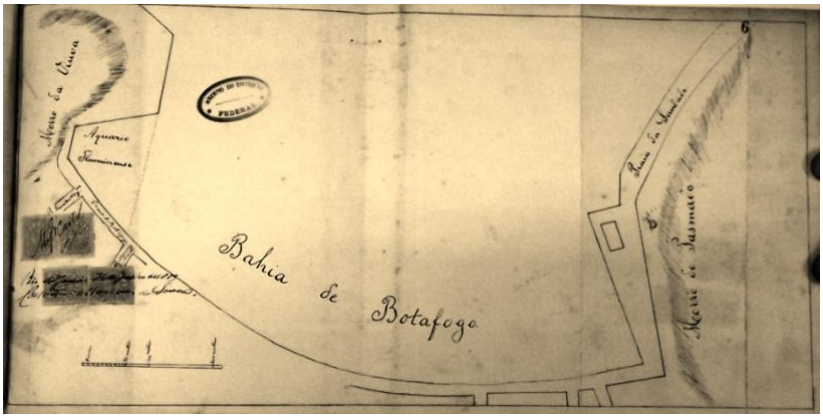

Figura 1 – Mapa com a localização do Aquário Fluminense (AGCRJ, 1889)). Foto: José Pais, 2012.

A construção deste aquário colocaria o Brasil no panorama mundial no tocante à exposição de organismos aquáticos vivos, já que o primeiro empreendimento desta natureza fora inaugurado em Londres apenas 36 anos antes, em 1853, existindo, no final do século XIX, poucas instalações desta natureza no mundo. Este fato contribuiu para a liberação da autorização pela Câmara Municipal, pois esta reconhecia

> a necessidade de construir-se nesta Capital um Aquario à imitação dos que existem nas grandes cidades da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte, e até mesmo em Sidney, na Austrália, como foi ultimamente admirado pela officialidade do cruzador “Almirante Barroso”, quando alli esteve antes de partir para o Japão (AGCRJ, 1889).

Nos documentos pesquisados encontra-se também explicitada a importância que este empreendimento traria para a população do Rio de Janeiro, por “proporciona[r] não só o ensinamento pratico da natureza animal no que concerne ao ramo das sciencias naturaes relativo aos peixes, molluscos e amphibios bem como variados divertimentos publicos de muita utilidade” (AGCRJ, 1889).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Incentivado pela boa receptividade da Câmara Municipal frente a seu pedido de construção do aquário, Collatino Marques de Souza solicitou, então, "confiando no espirito de progresso que anima os membros da Municipalidade da principal cidade do Imperio" (AGCRJ, 1889), que lhe fosse concedido aforamento perpétuo da área requerida, alegando que, além do aquário, construiria no local uma área para jogos, uma piscina para natação infantil e um café cantante. Além disso, a área receberia um tratamento paisagístico através de uma série de jardins estrategicamente localizados entre estes diferentes estabelecimentos de lazer - criando, assim, uma nova área de entretenimento para a população da cidade (AGCRJ, 1889).

Apesar da permissão para a construção do aquário ter sido dada em 8 de agosto de 1889, um despacho da Câmara Municipal, datado de 04 de agosto daquele ano, solicitava ao Sr. Collatino a definição de um prazo para a exploração da referida área, pois a mesma não seria concedida ao requerente através de aforamento perpétuo. Como o Aquário Fluminense não foi construído, apesar da concessão favorável da Câmara, podemos concluir que Collatino Marques de Souza não abriu mão do aforamento perpétuo solicitado para a área.

AQUÁRIO DO PASSEIO PÚBLICO

A ideia da construção de um aquário público na cidade do Rio de Janeiro já estava presente no início de 1903 quando Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade, solicita ao diretor da Inspetoria das Mattas e Jardins a elaboração de um projeto com esta finalidade (O PAIZ 6.689, 1903). No final deste mesmo ano o Conselho Municipal, a pedido do prefeito, inclui, para o exercício fiscal de 1904, a verba de 63.000$ (sessenta e três contos de Reis) destinada à construção de um aquário na cidade (O PAIZ 6.980, 1903).

O Aquário do Passeio Público do Rio de Janeiro foi inaugurado no dia 17 de setembro de 1904, com a presença do Presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves e do prefeito da cidade. A inauguração deste estabelecimento colocou o Brasil na vanguarda da exposição de organismos aquáticos vivos não só por ser o maior aquário da América Latina (NAJJAR et al., p. 459, 2007), mas também pelo seu pioneirismo na exposição de organismos marinhos, tendo sido o primeiro aquário de água salgada da América do Sul.

O aquário, situado no recém remodelado Passeio Público, colocava a cidade do Rio de Janeiro em sintonia com as inovações da exposição de organismos vivos e com

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

os padrões de modernidade vigentes à época, elevando a cidade ao mesmo patamar de Londres e Paris, dignas "do interesse do público e sobretudo dos estrangeiros que visitavam a cidade" (O PAIZ 7.271, 1904).

Apesar do aquário ter sido construído seguido todos "os cuidados e as regras preestabelecidas em instalações dessa natureza" (O PAIZ 9.337, 1910), estando pronto para a inauguração desde abril de 1904, não se previu que o principal elemento para seu funcionamento - a água - interferisse de maneira decisiva na manutenção dos organismos expostos, o que provocou, por várias vezes, o adiamento de sua abertura ao público, fato que foi concretizado somente no mês de setembro daquele mesmo ano. Quando da sua inauguração, o Aquário do Passeio Público era um local que atraía muitos visitantes, sendo citado em vários guias para estrangeiros, viajantes e imigrantes, publicados no início do século XX. Destaque-se, dentre eles, o *Guide des États-Unis du Brèsil*, editado por Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Júnior, em 1904, que citava o Aquário do Passeio Público como uma atração recém inaugurada da cidade; e o *Guide de la Baie de Rio de Janeiro*, de Joaquim Lacerda, publicado em 1915 (PERROTA, 2011).

O aquário, projeto do arquiteto-paisagista Luiz Rey, passou durante os seus 34 anos de existência por algumas reformas. Em 1913, por exemplo, foi submetido a uma grande remodelação com o intuito não só de adaptar suas instalações às novas tecnologias que surgiam na manutenção deste tipo de instalação, mas também para recuperar a estrutura da própria edificação - que se encontrava em precárias condições, afetando seu funcionando já há alguns anos (O PAIZ 10.557, 1913). Durante esta obra o aquário permaneceu fechado à visitação, sendo reaberto ao público no dia 01 de setembro de 1914 (O PAIZ 10.921, 1914).

Com o plano de remodelação da cidade proposto pelo prefeito Henrique Dodsworth, no ano de 1937 o presidente do Conselho Florestal Federal, José Mariano Filho, determinou a remoção do Aquário para a Feira de Amostras (A NOITE 9.130, 1937). Em 1938, o Passeio Público, já então tombado pelo recém-criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), passa por uma reforma, supervisionada pelo arquiteto Carlos de Azevedo Leão, com a proposta de reestabelecer as características originais do parque. Desta forma, vários de seus pavilhões foram demolidos, dentre eles, o aquário, que se encontrava desativado e em precário estado de conservação.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Estrutura física do Aquário do Passeio Público

O Aquário do Passeio Público, que esteve aberto ao público por mais de trinta anos, atuando como um espaço importante de lazer e de conhecimento para os moradores da cidade, recebeu pouca atenção por parte dos historiadores, sendo raros os relatos sobre a organização do seu espaço expositivo, seu funcionamento e mesmo sua estrutura física.

Jornais de época, como “O Paiz”, “A Noite” e o “Correio da Manhã”, foram fontes de informação importantes utilizadas nesta pesquisa para a reconstituição da história desse aquário de água salgada, espaço expositivo único da cidade do Rio de Janeiro, sem paralelo até a inauguração do AquaRio (Aquário Marinho do Rio de Janeiro), ocorrida em 31 de outubro de 2016.

A reportagem do jornal “O Paiz”, datada de 14 de setembro de 1914, em especial, descreve de maneira detalhada a estrutura e o funcionamento do aquário, fornecendo subsídios importantes para a reconstituição de sua estrutura física. O prédio, descrito como sendo "de elegante aspecto e cuja architectura obedece ao stylo oriental" (O PAIZ 10.934, 1914), poderia nos remeter à imagem de uma construção ao estilo chinês ou japonês. Entretanto, as raras fotografias de época, que eternizaram alguns aspectos de sua estrutura, nos revelam que o mesmo tinha fortes traços do "estilo mourisco".

O prédio apresentava dois ambientes distintos: um vestíbulo, de forma octogonal - a entrada principal - onde existia um aparelho utilizado para registrar a quantidade de visitantes que acessavam suas dependências; e a galeria dos tanques, a principal área do aquário, de formato retangular, ligada ao vestíbulo através de um pequeno corredor (O JORNAL 46, 1919) (Figura 2). Na parede direita do vestíbulo, assim como na parede correspondente do corredor de acesso à galeria dos tanques existiam duas aberturas retangulares, medindo, respectivamente, 1,00 m x 0,60 m e 0,90 m x 0,60 m, vedadas por placas de cristal transparente de 25 mm de espessura, que permitiam a visão do grande tanque com capacidade para 3.000 litros de água. Este tanque, utilizado para abrigar uma tartaruga-marinha (*Chelonia mydas*), não existia no projeto original, tendo sido construído, posteriormente, durante a reforma de 1913.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

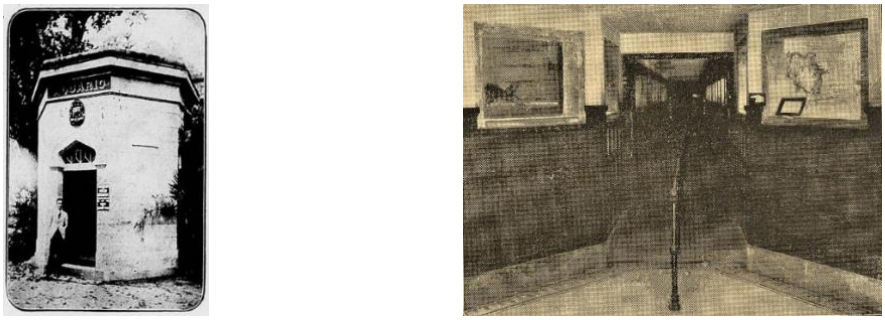

Figura 2 – À esquerda: vestíbulo de entrada, Fonte: O JORNAL 46, 1919;
à direita, galeria interna, Fonte: ROSSANI,1935(?).

A parede oposta a estas aberturas abrigava uma vitrine contendo uma série de frascos com espécimes preservados em formol. Nesta coleção, o visitante podia observar a sequência embriológica do Salmão-da-Europa (*Salmo salar*), da Truta-da-Europa (*Salmo fario*), da Carpa (*Cyprinus carpio*), da Lagosta-de-água-doce (*Astacus fluvialis*) e do Caranguejo (*Carcinus maenas*). "Uma peça de anatomia do Lucio "Esox lucius" injectada, para mostrar o systema circulatorio nos peixes" (O PAIZ 10.934, 1914), completava esta área de exposição com material fixado.

A galeria dos tanques, principal área do aquário, com 21 m de extensão, era formada por vinte piscinas, dez de cada lado da galeria, das quais dezesseis, denominadas tanques pequenos, apresentavam capacidade individual para armazenar 2.000 litros de água; e quatro, os tanques grandes, tinham capacidade para 4.000 litros cada um. O público podia observar e apreciar os espécimes mantidos nestas piscinas através de 24 aberturas retangulares, cada uma com 1,18 m de largura por 47 cm de altura, as quais eram "guarnecidas de placas de cristal transparente" (O PAIZ 10.934, 1914).

Os tanques foram construídos “de tal manera que cuando es necesaria la abertura de un mayor espacio, para especies mayores, elle es relativamente facil, pues un tabique se amplia o cierra facilmente y asi de una piscina de 1,20 m x 2 m hace otra de 2,40 m x 2 m” (ROSSANI, 1935 (?)). Esta galeria, apesar de possuir pequenas aberturas localizadas nos vãos das pilastras das paredes laterais e no alto da parede ao fundo da edificação, auxiliando a circulação de ar no interior do recinto, permanecia, devido à ausência de janelas, à meia luz, facilitando a observação dos espécimes através das placas de vidro.

Ao fundo da galeria principal se localizava a entrada para a área de serviço, um pequeno edifício anexo construído durante a grande reforma de 1913, onde ficavam instaladas as bombas responsáveis pelo funcionamento do aquário, além de abrigar o

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

depósito de material. Apesar da descrição da área de manutenção não apresentar o detalhamento encontrado para os outros setores do aquário, este espaço era composto por várias salas: uma para abrigar a bomba responsável pela circulação da água nos tanques; outra reservada à bomba encarregada de abastecer os reservatórios do aquário com água salgada capturada diretamente do mar; e um terceiro compartimento onde se localizavam a bomba e o reservatório de ar comprimido. A substituição da antiga bomba d'água por uma bomba *Worthington*, responsável pela coleta da água do mar, mais apropriada para esta finalidade por apresentar um revestimento interno de ebonite, evitando, desse modo, a formação do cloreto cúprico decorrente do contato da água salgada com as engrenagens de cobre, que tornava a água imprópria à vida dos organismos expostos, foi de vital importância para adaptar o aquário às novas tecnologias desenvolvidas para este tipo de espaço expositivo. Com uma potência superior à da antiga bomba, ela captava a água do mar através de uma tubulação de chumbo fixada por fortes estacas próximo ao fundo do mar, a cerca de 50 metros do cais existente próximo ao Passeio Público, conduzindo-a diretamente para o aquário. Eliminava-se assim o "processo caro e penoso até agora adotado, que consist[ia] em utilisar a lancha da Inspectoria, duas vezes por semana, no abastecimento do Aquario por meio da bomba de bordo e mangueira de lona" (O PAIZ 10.557, 1913). A água do mar coletada era estocada no reservatório inferior das dependências do aquário e, com os novos equipamentos implementados, este procedimento passou a ser realizado somente uma vez por mês.

A bomba de ar comprimido e seu compartimento armazenador de ar, mantido sob uma pressão de três atmosferas, provia as piscinas com a oxigenação necessária à boa qualidade da água. As piscinas eram conectadas ao reservatório de ar comprimido por uma tubulação posicionada ao longo da borda externa das mesmas, cada qual possuindo uma torneira que se conectava a um tubo de borracha e, este, a um tubo de vidro mantido no fundo da piscina. Na extremidade deste tubo era acoplado o aerador,

> uma peça cylindro-conica de chumbo, provida de quatro orificios lateralmente, em que se colocam buchas de madeira porosa, da tília da Europa, ou de qualquer malvacea arborecente indigena. O ar que circula na canalização, sob pressão, atravessa estas buchas de madeira em pequenas bolhas, que facilitam sua incorporação à água (O PAIZ 10.934, 1914).

É interessante notar que os procedimentos técnicos realizados no Aquário do Passeio Público utilizavam recursos alternativos adaptados às necessidades locais, como a substituição da madeira importada da Europa, utilizada para o processo de

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

aeração da água, por qualquer malvácea nativa, que produzisse efeito similar. Neste mesmo compartimento da bomba de ar estavam localizados os dois filtros de água e o reservatório inferior, com capacidade para armazenar 10.000 litros de água.

Durante a reforma de 1913 foi construído, sobre o teto da galeria central, "um depósito de concreto armado [reservatório superior] com capacidade para 8.000 litros d'agua, situado em um nivel superior ao dos tanques dos peixes de forma a permittir a passagem d'agua salgada daquelle para estes pela simples acção da gravidade" (O PAIZ 10934, 1914).

A circulação de água pelas instalações do aquário, toda ela realizada através de tubulação de chumbo, seguia um fluxo bem definido. Partindo do reservatório superior, a água era transferida, pela ação da gravidade, aos tanques de exposição, cada um provido de uma torneira para o controle do suprimento de água. Tubos de chumbo, apresentando orifícios em sua estrutura, eram posicionados horizontalmente dentro dos tanques, na altura desejada para manter o nível de água do compartimento, cujo excesso era recolhido por estes tubos horizontais, que funcionavam como “ladrão”. A água que escoava pelo “ladrão” era enviada ao sistema de filtros e, após sua purificação, conduzida ao reservatório inferior. A bomba de circulação transferia a água do reservatório inferior para o reservatório superior, fechando o ciclo. As novas bombas, todas operadas por motores elétricos, refletiam o desejo das autoridades públicas em transformar a cidade do Rio de Janeiro em uma metrópole moderna, de projeção mundial, o que incluía a incorporação das inovações tecnológicas surgidas na Europa e nos Estados Unidos da América. O fornecimento de energia elétrica estável e seguro na cidade já era uma realidade desde 30 de Julho de 1907, quando da sua implantação pela empresa Grupo Light do Brasil[2].

Uma escada, inicialmente de ferro e posteriormente substituída por "uma escada de guarabú guarnecida de placas de metal amarello, com corrimão tambem de metal amarello" (O PAIZ 10.433, 1913), dava acesso a um passadiço, instalado ao nível do teto da galeria principal, que margeava a borda das piscinas, permitindo o acesso dos funcionários aos tanques para eventual manutenção. Esta área superior era protegida das intemperes por um teto de vidro armado, que favorecia a entrada da luz natural nos tanques, facilitando a observação dos organismos no interior dos mesmos, mantidos à meia luz.

[2] Portal LIGHT. Disponível em: http://ri.light.com.br/a-companhia/historico-e-perfil-corporativo/. Acesso: 17 jun. 2012.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

A escassez de documentos iconográficos - fotos, desenhos, gravuras - retratando as instalações do Aquário do Passeio Público dificulta a compreensão, de maneira mais detalhada, de como seus nichos de exposição eram estruturados. A reconstituição deste importante espaço expositivo de organismos aquáticos, existente no Rio de Janeiro no início do século XX, seria de vital importância para podermos comparar o Aquário do Passeio Público com os outros estabelecimentos desta natureza encontrados nos demais países.

Os espaços expositivos de organismos aquáticos vivos, os aquários, assim como os atuais oceanários, requerem alta tecnologia para a manutenção das condições necessárias à vida. As instalações do Aquário do Passeio Público deveriam se equiparar às instalações das instituições correlatas existentes no exterior.

Coleção biológica do Aquário do Passeio Público

A manutenção das condições físico-químicas da água nos aquários é o ponto central que determina a sobrevivência da coleção biológica exposta e, consequentemente, a própria existência destes estabelecimentos. A solução para este fato foi o grande desafio para a maioria destes estabelecimentos no início do século XX. O principal obstáculo que o Aquário do Passeio Público teve que superar, logo no início da sua existência, foi a qualidade da água utilizada nos tanques.

> Em curto espaço de tempo morriam todos os exemplares nelle contidos. Estudos acurados foram então realizados afim de verificar onde residia o mal. Convém notar que a princípio, a agua era retirada das proximidades do nosso litoral por meio de bombas de aspiração, e a canalização por ella percorrida, até chegar aos tanques, era toda de ferro. Era justamente esta última circunstância uma das principaes causas da hecatombe, pois, verificou-se que a água ao atravessar esses canos levava para as piscinas a ogydo de ferro, incomptivel com a vida dos peixes. Substituida a canalização de ferro por manilhas de barro belga, vidradas por dentro e repovoados os tanques, continuou a mesma mortandade de peixes. Foi então constatado não ser apenas aquelle composto chimico o unico factor de tal lethalidade, mas sim um outro elemento mortifero que, aliás, já havia sido constatado pelo professor Camillo Terai quando, entre nós, estudava a peste bubonica: tratava-se, nem mais nem menos, da agua do mar. Realmente, segundo os estudos procedidos pelo notavel bacteriologista italiano, a agua da nossa bahia, entre a praia de Santa Luzia e a City, na Gloria, infeccionava as piscinas do Passeio Publico (O PAIZ 9.337, 1910).

O estudo das amostras de água coletadas da Baía da Guanabara, realizado pelo Dr. Bourgay de Mendonça, naturalista do Museu Nacional, determinou que, para a manutenção do ambiente dos tanques, apropriado aos organismos expostos, a água utilizada deveria ser coletada em um ponto distante do litoral (O PAIZ 7.271, 1904).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Resolvido o problema da qualidade da água do aquário, inicialmente coletada por uma embarcação da Companhia dos Portos, duas vezes por semana, e posteriormente, com a reforma de 1913, com a instalação da nova bomba adquirida, o Aquário do Passeio Público conseguiu manter "em perfeita integridade os ricos e variados specimens da nossa bahia" (O PAIZ 9.337, 1910).

Os 20 tanques que constituíam o projeto original do aquário, idealizado pelo naturalista brasileiro Alípio de Miranda Ribeiro, foram povoados com espécimes marinhos coletados do nosso litoral. O Aquário do Passeio Público foi concebido para ser um local de "exposição permanente de animais e plantas da baía do Rio de Janeiro" (O PAIZ 10.433, 1913). Dos 20 tanques de exposição, todos localizados no interior do prédio,

> quatro delles, de maiores dimensões, [eram] destinados - um ao "Polvo" (Octopus rugosus); um aos "Crustaceos" (Siris e Lagostas) e dois aos "Peixes" (Mero, Guaroupas e Badejos). Dos outros 16 tanques, quatro [eram] destinados aos "Zoophytos e Echinodermes", um à "Tartaruga do Mar" (Cheronia viridis) e 11 aos "Peixes" (O PAIZ 8.016, 1906).

O aquário abrigava mais de "35 diferentes espécies de peixes, moluscos, crustáceos e quelônios. Podiam ser vistas também plantas aquáticas, tartarugas-marinhas, um polvo, lagostas, cavalos-marinhos, ouriços e estrelas-do-mar" (ROSA, 1924). Uma descrição mais detalhada dos espécimes em exposição descreve que, dentre

> os zoófitos há sempre exemplares de Gorgonias róseas, várias actínias, ouriços, estrelas do mar, e algas verdes em torno de cuja rama o cavalo marinho, Hippocampus Guttulatus, não raro passeia a sua interessante figura. Nas paredes das piscinas, e sobre as grutas que servem de retiro aos peixes, proliferam colônias de briozoários, vermes tubícolas, ostentando seus penachos branquiaes e retráteis, e atestando a excelência do meio artificial em que vivem (ROSA, 1924).

Esta descrição dos espécimes que povoavam os tanques no Aquário do Passeio Público nos revela a rica diversidade de espécies encontrada na baía da Guanabara no início do século XX, incluindo muitos invertebrados, como gorgônias, actínias, briozoários, vermes tubícolas, dentre outros seres. Estes invertebrados, mesmo atualmente, são organismos que requerem certos cuidados para a sua manutenção. A constatação da presença destes espécimes durante toda a existência do Aquário do Passeio Público indica que

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

> as condições (...) que o nosso aquario propicia aos seres que nelle vivem são bastantes satisfactorias, o que se demonstra não só com as colonias de "Peixes" já acclimados e em franco desenvolvimento, mas pelos delicadissimos animaes que ahi nascem e crescem, revestindo as paredes dos tanques e as grutas que servem de abrigo aos "Peixes" (O PAIZ 8.016, 1906).

O Jornal "O Paiz", de 29 de abril de 1910, publicou uma listagem dos principais espécimes expostos na época (Tabela 1).

Tabela 1: Espécies em exposição no Aquário do Passeio Público, em 1910

Espécie	Nome científico	Tempo no aquário	Observação
Tartaruga-do-mar	*Cholonia viridis*	5 anos	Alimentação: alface do mar (Ulva) e na falta destes crustáceos, sobretudo camarões.
Mero	*Promicrops guttatus*	4 anos	-
Moreias	*Muraena ocellata*	4 anos	
Mussuns-do-mar	*Ophicthys gomesti*	1 ano	De difícil aclimatação.
Badejo mira	*Epinephelus ruber*	3 anos	-
Garatingas	*Gerres brasilianus*	3 anos	-
Robalos-bicudos	*Centropomus undecimalis*	2 anos	-
Robalos cangurupebas	*Centropomus parallelus*	4 anos	-
Vermelho-Henrique	*Neomaenies synagris*	Quase 3 anos	No mesmo tanque do cherne.
Cherne	*Guarupa niveata*	2 anos	No mesmo tanque do Vermelho-Henrique.
Mangaguás	*Scorpaena brasiliensis*	2 anos	-
Roncador	*Pogonias chromis*	7 meses	-
Peixe-morcego	*Malthe vespertilio*	5 meses	-
Polvo e vários outros moluscos	*Octopus rugosus*	Bastante tempo	De difícil aclimatação, como seus congeneres europeus, por ser muito oceânico.
Crustáceos: lagostas e pagurideos	-	Muito tempo	Efetuando sucessivas mudas de seus cascos.
Côlonias de Ascidias, Bryozoarios, Vermes (Serpulideos e Terebellideos) e Actinias	-	-	Nas paredes dos tanques e sobre as grutas que servem de retiro aos peixes. Expontaneamente desenvolvidas, o que constitue eloquente testemunho das excelentes condições biológicas do nosso aquário felizmente alcançadas após laboriosos estudos e persistentes ensaios.

Fonte: O PAIZ 9.337, 1910

Quatro anos mais tarde, este mesmo jornal, fornece uma nova listagem dos exemplares mantidos no aquário em setembro de 1914 (Tabela 2).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Tabela 2: Espécies em exposição no Aquário do Passeio Público, em 1914

Peixes	**Nome científico**
Badejo branco	*Epinephelus microlepis*
Badejo mira	*Epinephelus ruber*
Bagre urutú	*Genidens cuvieri*
Baiacú mirim	*Tetradon testidineus*
Cabrinha	*Prionotus tribulus*
Canhanha	*Archosargus unimaculatus*
Caratinga	*Gerres brasiliensis*
Cavalo marinho	*Hippocampus guttulatus*
Coló	*Dactylopterus volitaus*
Crocoróca verdadeira	*Orthopristis ruber*
Enxada	*Ephippus faber*
Guaroupa creoula	*Cerna gigas*
Guaroupa de S. Thomé	*Cerna morio*
Mangangá	*Scorpaena brasilensis*
Mero	*Promicreps guttatus*
Moreia amarela	*Muraena ocellata*
Mussum	*Ophichictys gomesi*
Peixe penna	*Calamus argentiferus*
Peixe porco	*Monacanthus hispidus*
Peixe-morcego	*Ogcocephalus vespertilio*
Robalo cangurapeba	*Centropomus parallelus*
Robalo cumary	*Centropomus undecimatus*
Roncador	*Pogonias chromis*
Crustaceos	**Nome científico**
Bahú	*Hepatus prineps*
Bernardo eremita	*Petrochirus granulatus*
Camarão	*Penaeus setiferus*
Goyá	*Menippe rumphi*
Lagosta	*Panulirus argus*
Siri-assú	*Callinectos exasperatus*
Siri-candeia	*Achelous spinimanus*
Siri-mirim	*Callinectos danai*
Tamburutaca	*Lysiosquilla scabricauda*
Tamburutaca	*Squilla dubia*
Quelônios	**Nome científico**
Tartaruga-do-mar	*Cholone mydas*
Molluscos	**Nome científico**
Polvo	*Octopus rugosus*
[Outros]	**[Observação]**
Anthozoarios	Animais com forma de plantas

Fonte: O PAIZ 10.934, 1914.

Apesar da obra de melhoramento, realizada durante o ano de 1913, ter modernizado a infraestrutura do aquário, ela não teve por intenção ampliar a área de exposição com o intuito de incluir em seu acervo, por exemplo, mamíferos marinhos e aves, como já vinha ocorrendo em alguns aquários do exterior, principalmente nos Estados Unidos da América. A inclusão de mamíferos aquáticos pelos aquários, como leões-marinhos e até mesmo peixes-boi e golfinhos (TOWNSEND, 1919), apesar de realizada em recintos expositivos de pequenas dimensões, que classificariam estas instituições como "*ménageries* aquáticas", contribuiu para a evolução dos aquários em

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

uma direção que culminou com a criação dos modernos oceanários, sendo o espaço expositivo do Marineland, em St. Augustine, na Flórida, a primeira instituição a receber esta designação, em 1938.

Um tópico que carece de informações mais detalhadas diz respeito ao corpo técnico que mantinha o aquário em funcionamento. A secretaria de Mattas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca, nos idos de 1913 já identificava a falta de pessoal técnico especializado no seu quadro de funcionários, dentre eles, o cargo de naturalista, que teria como encargo realizar o plantio e cuidar das sementes e mudas dos parques e jardins, cabendo-lhes "tambem o trabalho de catalogação dos seres marinhos que habitam o Aquario" (O PAIZ 10.433, 1913). Esta falta de informação no material pesquisado se estende, também, às informações que eram transmitidas ao público visitante. O único relato encontrado cita a existência de placas informativas, dispostas ao lado dos tanques, contendo o nome vulgar e o nome científico das espécies expostas, "além de esclarecimento mais interessantes referentes a cada especie" (O PAIZ 10.934, 1914).

Sobre o papel didático realizado pelo Aquário do Passeio Público merece destaque, como citado por Ferreira da Rosa, a importância deste espaço como “instrumento de ensino que o público freqüentava assiduamente e por onde desfilava a mocidade das escolas ao familiarizar-se com os primeiros rudimentos da História Natural” (ROSA, 1924). Vale ressaltar, também, a importância que tiveram os meios de comunicação da época, principalmente os jornais, os quais enfatizavam que O Aquário do Passeio Público

> não só constitui curiosa diversão offerecida ao publico, como se presta a estudos e observações preciosas e úteis à sciencia e à industria e faculta-nos meios para podermos estudar e conhecer as nossas riquezas ichthyologicas, ainda tão pouco vulgarizadas entre nós (O PAIZ 7.271, 1904).

É interessante notar que, apesar do relato acima vincular o Aquário do Passeio Público às instituições educativas, não existem referências concretas da parceria do aquário com instituições de pesquisa, ao contrário do observado para o Aquário da Quinta da Boa Vista onde esta prática era uma constante. Quando da abertura do aquário ao público, em 17 de setembro de 1904, a entrada não era gratuita, sendo cobrado do visitante o valor de 1$ (Hum Mil-Réis) para os adultos e de $500 (Quinhentos Réis) para as crianças (PASSOS, 1903). Apesar desta cobrança, o aquário era um local muito visitado, não só por estudantes, mas também pelo público em geral e por visitantes estrangeiros de passagem pela cidade.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

A partir de 01 de junho de 1912, a entrada foi franqueada ao público, fato que contribuiu diretamente para o aumento do número de visitantes (Tabela 3).

Tabela 3: Visitantes do Aquário do Passeio Público do Rio de Janeiro

Ano	Visitantes
1904 (set. a dez.)	9.246
1905	5.516
1906	2.193
1907	905
1908	1.685
1909	1.881
1910	1.695
1911	1.517
1912	O aquário é franqueado ao público. O aparelho registrador da entrada foi retirado.
1913	Fechado para reforma
1914 (01 de setembro)	Reabertura do aquário
1915	87.854
1916	103.659
1917	121.607 (Fechado: Janeiro e Fevereiro)
1918 (fev. / mar. / jul.)	26.340
1919 (jun. / jul. / ago. / nov.)	41.083
1929 (ago.)	7.503
1930 (jun. / ago.)	18.367

Fonte: O PAIZ (Diversas edições)

AQUÁRIO DA QUINTA DA BOA VISTA

O aquário público da Quinta da Boa Vista, inaugurado no dia 12 de novembro de 1910 pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, como parte das reformas realizadas na Quinta da Boa Vista, se diferenciava do Aquário do Passeio Público por ser um espaço destinado à exposição permanente da fauna aquática de água doce. Ocupando uma área de 314 m^2, próxima ao terreno do futuro Jardim zoológico, a construção seguiu o projeto original elaborado pelo arquiteto francês Auguste François Marie Glaziou, encomendado, quase duas décadas antes, por D. Pedro II (DAVID & JAMEL).

O Aquário da Quinta da Boa Vista foi desativado na década de 40, sendo reaberto sessenta anos mais tarde, em 2004, por iniciativa da Fundação RIOZOO, responsável pela manutenção do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro.

Em 2016 o Grupo Cataratas, empresa privada responsável pela gestão de serviços na área do ecoturismo, passou a administrar o Jardim Zoológico da Cidade do Rio de Janeiro. Após uma remodelação total dos espaços expositivos do tradicional Zoo da cidade, renomeado de “Bioparque do Rio”, teve sua inauguração realizada, oficialmente, em 18 de março de 2021. O destino do Aquário da Quinta da Boa Vista,

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

entretanto, permanece uma incógnita, pois, apesar de alguns recintos localizados na área do aquário, como o recinto para os Lobos-marinhos, terem sido demolidos nas obras de remodelação realizadas pelo Grupo Cataratas, o projeto elaborado pela Secretaria Especial de Concessões e Parcerias Público-Privadas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro não faz menção ao destino do Aquário e a sua inserção no projeto realizado[3].

Estrutura física do Aquário da Quinta da Boa Vista

A arquitetura do prédio, de forma circular, com 20 metros de diâmetro, simulava "uma caverna calcária do typo das que existem na bacia do rio da Velhas no Estado de Minas Gerais" (O PAIZ 10.934, 1914). A construção original apresentava, em seu topo, a estátua de "uma nympha empunhando uma flor de que jorra abundante a água, que de rochedo em rochedo despenha-se nos tanques" (O PAIZ 9.503, 1910) (Figura 3).

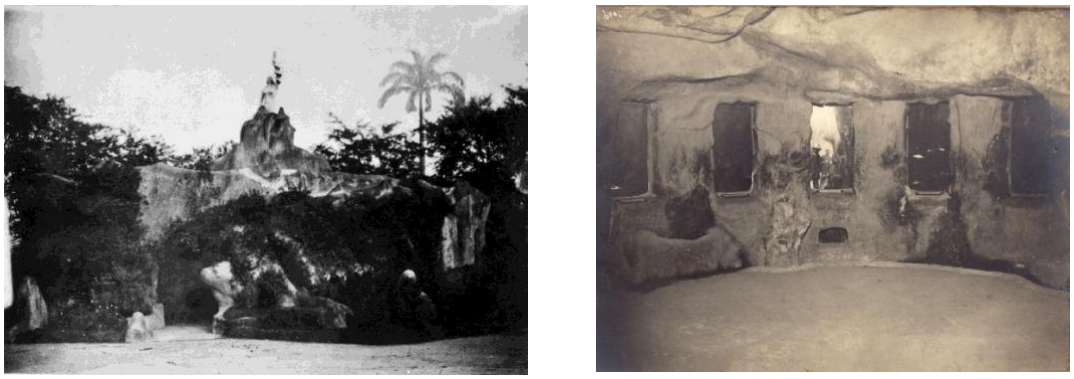

Figura 3: Aquário da Quinta da Boa Vista. À esquerda: aspecto externo, Foto: LUCENA, 2018; à direita: aspecto interno, Foto: ANÔNIMO[4].

A arquitetura do Aquário da Quinta da Boa Vista é

> *un tanto más interesante que el anterior [Aquário do Passeio Público] por su rústica construccíon artificial, imitando uma vetusta gruta calcárea com estalactitas (...) Su aspecto es pintoresco, junto a una elegante palmera en medio de uma abundante vegetación, donda la paz y el sosiego invitan a entrar. (...) Una capa de verde enredadera*

[3] Uma análise do espaço expositivo do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, anterior à instalação do Bioparque do Rio, pode ser encontrada em PAIS (2013, 2020).

[4] Esta fotografia participou do Leilão 014 – Leilão de colecionismo - realizado no mês de junho de 2012, a cargo do leiloeiro Franklin Levy. O lote 297 apresentava a seguinte descrição da peça: "Foto Aquário do Passeio Público, Rio de Janeiro, medindo 17 x 23 cm. No estado", tendo sido arrematado por R$ 100,00. Disponível em: https://www.levyleiloeiro.com.br/catalogo.asp?Num=014&p=on&Dia=&Tipo=54&pesquisa=&Srt=10. Acesso: 03 abr. 2021. Vale aqui uma ressalva sobre a descrição apresentada no catálogo, pois, certamente, o interior estampado na fotografia não se refere ao Aquário do Passeio Público, mas sim ao Aquário da Quinta da Boa Vista.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

> *envuelve el frente de esta gruta calcáreca, de la que sobresale tan solo la parte central* (ROSSANI, 1935(?)).

O acesso ao interior do prédio era realizado através de uma abertura irregular de um metro e meio de largura, simulando a entrada de uma gruta, pela qual se atingia as duas galerias de exposição, a galeria circular externa e a galeria central localizada sob a rotunda. O aquário apresentava duas séries concêntricas de tanques: uma interna, constituindo a galeria central, formada por 13 tanques, dois de grandes dimensões e 11 tanques menores; e uma externa, composta por 15 tanques de grande formato, a galeria circular externa. Esta galeria apresentava um corredor de dois metros de largura, margeando toda a estrutura do prédio, em cuja parede interna estavam dispostas as 15 aberturas retangulares de 1,50 m x 0,90 m, uma para cada tanque, guarnecidas por placas de cristal de vinte e cinco milímetros de espessura, através das quais o público podia visualizar o interior dos tanques, cada qual com uma capacidade para 5.000 litros d'água.

A galeria central era acessada através de um corredor de 4,50 m, localizado em frente à entrada principal do aquário, conduzindo o visitante à gruta que ocupava o centro da estrutura, apresentando 6 m de diâmetro. O teto dessa gruta era formado por uma abóboda da qual pendiam estalactites iluminadas pela luz que penetrava através das frestas formadas pela água que jorrava da estátua da ninfa, no exterior do prédio, sobre as placas de vidro do teto da edificação, responsáveis pela iluminação dos tanques do aquário.

A galeria central era constituída por onze tanques com capacidade individual de 2.000 litros, apresentando visores retangulares de 1,10 m x 0,57 m e 20 mm de espessura, além de dois tanques maiores, cada um com 4.000 litros, portando visores de 1,35 m x 0,80 m, com placas de cristal de 25 mm. Toda a iluminação dos tanques era realizada por luz natural proveniente do teto através da claraboia de vidro, ficando as galerias, por onde circulava o público, em semiobscuridade.

A área de visitação era equipada com quatro ventiladores, três na galeria circular externa e um na galeria central, os quais mantinham a circulação de ar e a temperatura agradável no interior destas galerias, enquanto a área de serviço interna, fora de visitação, possuía dois potentes ventiladores. A área de serviço, situada sob o telhado de vidro armado, possuía um passadiço de cimento, situado entre os tanques externos e internos, que, além de abrigar o encanamento de chumbo responsável pela distribuição de água, permitia o acesso dos funcionários aos tanques para sua eventual

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

manutenção. Tanto o sistema de aeração da água quanto o sistema que mantinha o nível da água nos tanques era semelhante ao utilizado no Aquário do Passeio Público.

O problema principal do Aquário da Quinta da Boa Vista, assim como seu congênere do Passeio Público, era o fornecimento de água, que era a mesma utilizada para o sistema de abastecimento da cidade, coletada diretamente das nascentes próximas às encostas, necessitando-se, nos períodos de chuva, submetê-la a um sistema de filtragem a fim de torná-la límpida, pois o material em suspensão a turvava, dificultando a observação dos espécimes expostos. Esse sistema de filtragem foi instalado somente em 1915.

Coleção biológica do Aquário da Quinta da Boa Vista

Os primeiros espécimes utilizados para o povoamento dos tanques do Aquário da Quinta da Boa Vista vieram de uma estação de pesca localizada em Vespasiano, Minas Gerais; posteriormente os tanques foram enriquecidos com espécimes provenientes da estação de Sapucaia, no Estado do Rio de Janeiro, que passou a abastecer o aquário com peixes do rio Paraíba. Em uma reportagem apresentada no jornal “O Paiz”, de 14 de setembro de 1914, é detalhado todo o percurso realizado pelos exemplares coletados em ambas as localidades, e seu transporte até o Rio de Janeiro nos trens da Estrada de Ferro Central do Brasil, acondicionados em vasilhames cilíndricos de ferro com 70 cm de diâmetro e 40 cm de altura - que apresentavam, em sua parte cônica superior, uma boca circular de 30 cm vedada por uma tampa perfurada. Cada tampa era acoplada a um tubo de latão niquelado em forma de "T", de tal modo que a haste vertical deste tubo atravessava o orifício da tampa até quase tocar o fundo, em cuja extremidade, se prendia a bucha de madeira porosa que funcionava como aerador. Tubos de borracha conectavam a haste horizontal dos tubos, de diversos vasilhames, e acabavam por se conectar a uma bomba de ar comprimido de acionamento manual (Figura 4), operada pelos funcionários do aquário responsáveis pelo transporte dos peixes das estações de pesca até o Aquário da Quinta da Boa Vista.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

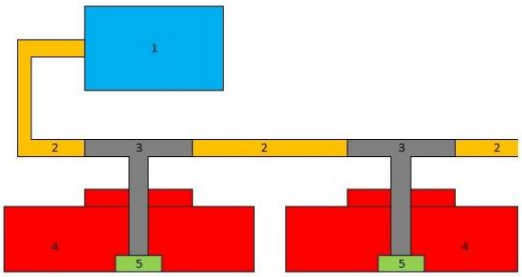

Figura 4: Transporte dos peixes. 1 - Bomba de ar comprimido manual, 2 - Tubo de borracha, 3 – Tubo de latão niquelado em “T”, 4 – Vasilhame de ferro, 5 – Bucha de madeira porosa (Aerador). Esquema: José Pais, 2021.

Apesar das condições precárias do acondicionamento dos vasilhames, cada um com uma capacidade aproximada de 200 litros de água, transportados em um vagão de carga aberto, os funcionários do aquário conseguiam trazer "de Vespasiano, com 18 horas de viagem, e de Sapucaia, com 6 a 12 horas de viagem, mais de cem peixes de 20 a 30 cm de comprimento e isso com pequena mortalidade em viagem” (O PAIZ 10.934, 1914).

As coletas de material para o repovoamento dos tanques do aquário eram realizadas de três a quatro vezes por ano, durante a época da pesca fluvial, que se estendia de novembro a abril. Dentre os exemplares expostos quando da inauguração do aquário, além de representantes menores da fauna aquática, como traíras, acarás, cascudos, camarões, lagostas e moluscos de água doce, o público podia observar também peixes de grande porte, como o peixe elétrico e, posteriormente, um pirarucu, além de outras espécies da região amazônica (Tabela 3).

Tabela 3: Espécies presentes no Aquário da Quinta da Boa Vista, no ano de 1914.

Peixes	**Nome científico**
Acará	*Geophagus brasilensis*
Acará ferreiro	*Cichlasoma bimaculatum*
Acary pintado	*Plecostomus sp*
Acary preto	*Plecostomus sp*
Bagre	*Rhamdia quelen*
Cumbaça	*Trachycoristes striatulus*
Dourado	*Salminus brevidens*
Jacundá	*Crenicichla lacustris*
Lambary	*Tetragonopterus sp.*
Mandy	*Pimelodus clarias*
Morobá	*Erythrinus unitoeniatus*
Pacu	*Myletes micans*
Peixe vermelho	*Carssius auratus*
Peixe vermelho do Japão	*Carssius auratus*
Piabanha	*Megalobrycon piabanha*
Piaú branco	*Leporinus mormyrops*
Piaú dourado	*Leporinus sp.*
Piaú listrado	*Leporinus sp.*

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Piaú vermelho	*Leporinus cornirostrie*
Piabanha	*Megalobrycon piabanha*
Piranha cortajaca	*Serrasalmus marginatus*
Piranha preta	*Pygocentrus piraya*
Pirapitinga	*Brycon sp*
Poraquê	*Electrophorus electricus*
Suruby	*Steindachneria parahybae*
Timburé	*Leporinus sp.*
Trahyra	*Hoplias malabaricus*
Tubicum	*Xyphoramphus hepselus*
Cheloneos	**Nome científico**
Kagado	*Platemys spixi*
Tartaruga do Amazonas	*Kinosternon scorpioides*
Crustaceos	**Nome científico**
Camarão de água doce	*Bithynis jamaicensis*
Camarão de água doce	*Bithynis olfersii*
Camarão de água doce	*Bithynis potiuna*

Fonte: O PAIZ 10.934, 1914.

A informação sobre as espécies expostas era realizada através de placas explicativas fixadas ao lado de cada tanque.

Em 1918, trinta e três espécies da fauna fluvial e lacustre do Brasil estavam representadas nos 15 tanques da galeria externa do aquário, totalizando 660 espécimes. Estes tanques abrigavam exemplares capturados não só nos pequenos rios do Distrito Federal como, também, exibiam representantes oriundos dos grandes rios da região sudeste - como o Parayba, no estado do Rio de Janeiro, e o Ribeirão da Matta, afluente do Rio das Velhas, no estado de Minas Gerais.

Laboratório de Piscicultura do Aquário da Quinta da Boa Vista

O Aquário da Quinta da Boa Vista, desde sua inauguração, sempre teve um grande afluxo de visitantes devido ao fato de se localizar dentro de um parque público muito frequentado pela população. No ano de 1916, por exemplo, registrou uma visitação recorde, contabilizando 115.670 pessoas (DIAS, 2010), dentre visitantes e estudiosos - pois, em um prédio anexo ao aquário, existia um laboratório de piscicultura (ROSA, 1924). A presença

> aqui no Rio, [de] um modesto, mas completo laboratorio de piscicultura, montado junto ao aquario de agua doce da Quinta da Boa Vista, por iniciativa do Sr. Dr. Julio Furtado, é (...) o primeiro passo para trabalhos regulares de piscicultura, dado pelos poderes publicos entre nós. (...), serão então iniciados os trabalhos de fecundação e incubação de ovos das nossas melhores espécies (O PAIZ 9.717, 1911).

O laboratório de piscicultura foi idealizado com o objetivo de realizar estudos, tanto da fauna ictiológica brasileira quanto da fauna exótica, visando a aclimatação de

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

espécies de valor econômico, para sua exploração comercial (O PAIZ 9.503, 1910). Ocupava um pequeno espaço do prédio do almoxarifado, que também abrigava a bomba de ar comprimido, os arejadores e os vasilhames para tratamento e transporte dos peixes. A água fornecida ao laboratório, proveniente do sistema de água potável da cidade, ficava armazenada num reservatório de 3.500 litros e dali era enviada aos aparelhos específicos para os trabalhos de piscicultura, dentre eles, as cubas californianas de incubação dos sistemas *Voerger*, *von dem Borner* e *Welas* - que mantinham, respectivamente, os ovos flutuantes, semiflutuantes e de fundo. A cuba de Welas separava automaticamente os ovos fecundados dos mortos e os alevinos recém eclodidos. Além destes equipamentos, o laboratório possuía recipientes específicos para contagem de ovos e transporte de ovos fecundados, termômetros, cápsulas e pinças para a seleção dos ovos.

O primeiro experimento com ovos incubados realizado no laboratório utilizou material proveniente da Inglaterra, devido à carência de ovos das espécies nativas. Este experimento, entretanto, não logrou êxito. Apesar dos 10.000 ovos da truta da Europa (*Salmo fario*) terem chegado ao Brasil, em janeiro de 1913, em perfeita condição de acondicionamento nas câmaras frigoríficas do navio *Avon* da *Royal Mail Stream Pacific C*., a água utilizada para abrigar este material nas cubas no laboratório, por apresentar uma temperatura de 26 °C, acabou causando a morte de todos os ovos recebidos, mesmo depois da utilização de gelo para diminuir a temperatura.

Devido ao fracasso com os ovos da truta da Europa, o segundo experimento realizado no laboratório de piscicultura utilizou ovos da truta-arco-íris (*Salmo irideus*) que, em trabalhos realizados na Argentina, se mostraram tolerantes às temperaturas de água mais elevadas, entre 24°C e 26°C, níveis esses mais compatíveis com a água encontrada no Rio de Janeiro. Entretanto, o lote de 20.000 ovos que chegou ao Rio de Janeiro, em maio de 1914, no navio *Oronsa* da *Pacific Steam Navegation C.*, por não estar em boas condições de acondicionamento, sofreu a perda de mais 50% do material. Para este segundo experimento a água, antes de chegar às cubas de incubação, passava por um refrigerador, "um simples tubo de chumbo de 5/8 de pollegada enrolado em espiral de 15 metros e encerrado em uma caixa cheia de gelo e de caloreto de sódio" (O PAIZ 10.934, 1914), que mantinha a água a uma temperatura de 20 °C a 21 °C.

Os ovos sobreviventes, depois de lavados com água a 3 °C, foram transferidos para as cubas com água refrigerada. Embora este experimento tenha conseguido criar apenas 150 alevinos, do lote inicial de 20.000 ovos, por um período de 15 dias, esta foi "a primeira tentativa de piscicultura de uma especie de salmonideo realizada no Brasil

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

com sucesso, e foram estas as primeiras trutas nascidas no Brasil" (O PAIZ 10.934, 1914). Além dos experimentos com ovos de truta importados, o laboratório de piscicultura conseguiu determinar o período de desova de alguns representantes nacionais (O PAIZ 10.934, 1914).

A presença de um laboratório de piscicultura associado ao Aquário da Quinta da Boa Vista caracterizava este empreendimento como uma instituição comprometida com o ensino da piscicultura e a pesquisa, visando "o repovoamento dos nossos rios" (O PAIZ 9.556, 1910), não sendo apenas um mero espaço de lazer e entretenimento para a população.

Aquário atual da Quinta da Boa Vista

Com o fechamento do Aquário da Quinta da Boa Vista, em 1940, sua estrutura ficaria à mercê do desgaste do tempo durante quase 60 anos. Em 1971, o aquário estava completamente abandonado, “encoberto por uma nuvem de mosquitos que rodeiam a água parada e os detritos que cobre o chão e as paredes exalando um cheiro insuportável (...) onde apenas as moscas e os morcegos se aventuram entrar” (CORREIO DA MANHÃ 24.013, 1971).

No início da década de 70, o destino das instalações do aquário, uma estrutura de valor arquitetônico e cultural por representar os padrões expositivos de animais aquáticos do início do século XX, era totalmente incerto. O Departamento de Parques e Jardins sugeriu à diretoria do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro que assumisse o espaço, contudo, a proposta foi recusada pelos altos custos necessários para recuperar sua estrutura. Na mesma época, o Museu Nacional do Rio de Janeiro mostrou interesse em restaurar e manter o aquário - fato que, também, não se concretizou, desta vez por motivos burocráticos, pois o museu é uma instituição federal e a área do aquário era de jurisdição estadual (CORREIO DA MANHÃ 24.013 1971).

No início do século XXI, a Fundação RIOZOO assumiu a manutenção do aquário, recém reformado pela prefeitura, numa estratégia política visando incorporar o terreno onde se localizava o aquário aos domínios do Jardim Zoológico. A reinauguração do aquário, ocorrida em 2004, devolveu à população carioca um espaço expositivo importante após uma reforma que manteve sua estrutura externa fiel ao projeto original de Glaziou, mas que descaracterizou totalmente o seu interior, pela modernização de suas galerias (Figura 5).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Figura 5 – Aquário da Quinta da Boa Vista. Acima: Aspecto externo; Abaixo, à esquerda: galeria externa, à direita: galeria interna. Fotos: José Pais, 2013.

O Zoo Aquário, como era conhecido até a transformação do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro no Bioparque do Rio, estava localizado no final da Passarela da Fauna, abrigando uma enorme variedade de peixes típicos de várias regiões do Brasil e do exterior.

O Aquário da Quinta da Boa Vista, após a reforma realizada, apresentava 21 tanques de exposição dos quais dez, no levantamento realizado em 2012, eram ocupados por exemplares de cinco Famílias: Anostomidae, Characidae, Cychlidae, Cyprinidae e Lepidosirenidae; dez não apresentavam placas informativas, apesar da presença de peixes em seu interior e um tanque estava vazio.

A reforma do aquário foi seguida pela construção de várias outras instalações, objetivando ocupar o terreno incorporado à fundação RIOZOO. Dentre estas novas edificações constavam os laboratórios de taxidermia, um recinto para Lobos-marinhos, além de um aviário para abrigar aves marinhas que, à época, abrigava dois Gaivotões

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

(*Larus dominicanus*) num espaço que mais parecia a reconstituição de um lago tropical que um costão rochoso de uma ilha marinha. Integrava também esta área uma instalação ocupada pelo Projeto TAMAR, que constava de uma exposição, onde podia ser observada uma Tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*).

Apesar da reforma e ampliação dos seus espaços expositivos, o Aquário da Quinta da Boa Vista, assim como o próprio Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, vinha sofrendo com a falta de verbas necessárias para a manutenção constante de seus equipamentos e da própria coleção zoológica. Este fato culminou, em 2016, com a interdição do Jardim Zoológico pelo IBAMA e a transferência de sua gestão para o Grupo Cataratas.

AQUÁRIO DO PARQUE LAGE

O Aquário do Parque Lage, apesar de ser uma das duas instalações desta natureza que chegaram ao século XXI em atividade na cidade do Rio de Janeiro, é a que apresenta a história mais obscura, a começar por sua construção, atribuída ao paisagista inglês John Tyndele, contratado por Rodrigo de Freitas Mello e Castro, em 1840, para reestruturar a antiga fazenda do Engenho de Açúcar del Rey ao estilo dos jardins românticos inglêses.

Em 1927, apesar de esta propriedade, já então sob a posse do industrial Henrique Lage, ter passado por uma remodelação, sob a orientação do arquiteto italiano Mario Vodret, não foram encontradas referências sobre intervenções ocorridas no aquário durante estas reformas.

O fato é que, desde a sua construção, o aquário, certamente, passou por alguma obra visando a recuperação de sua estrutura, como a intervenção realizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, em 2002. Durante esta reforma, que abrangeu não só o aquário mas o Parque Lage como um todo, foram colocadas novas placas de sinalização, que indicavam, aos visitantes, a disposição interna dos tanques no interior do aquário, que foi concebido em forma de gruta, com paredes de argamassa simulando rochas e troncos de árvore, lembrando, em parte, a estrutura do Aquário da Quinta da Boa Vista, em menor proporção (Figura 6).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Figura 6: Aquário do Parque Lage. À esquerda, aspecto externo (Foto: Áreas verdes da cidade, 2021[5]); à direita, aspecto interno (Foto: Caminha gente, 2016[6]).

Os tanques apresentam uma capacidade total de armazenamento de 20 mil litros de água, dos quais 6.000 litros é reservado para uma única piscina, a maior do complexo expositivo. O aquário apresenta 12 tanques em uma disposição simples, com cinco tanques ocupando a área circular ao centro do prédio e os outros sete dispostos na galeria que circunda a edificação. Um total de 17 aberturas envidraçadas permite a observação dos peixes em seu interior. Em cada um destes nichos existe uma placa informativa com a identificação dos espécimes expostos, incluindo seu nome científico e popular. Estão expostas diversas espécies de peixes nacionais e importados, todos de água doce, com predomínio de exemplares provenientes dos rios brasileiros.

O Aquário do Parque Lage, apesar de ser um aquário público dentro de uma área tombada pelo IPHAN, vem sofrendo com a falta de verbas para a sua manutenção. Outro fato levantado nesta pesquisa que chama a atenção, é a carência de documentação e estudos que descrevem a evolução deste espaço expositivo, apesar de se manter em atividade por mais de cem anos na cidade do Rio de Janeiro. Esta carência se estende não só a alguns elementos arquitetônicos que integram o Parque Lage, mas também ao próprio pessoal técnico. O diretor interino do IPHAN, em 1977, o Sr. Antônio Pedro de Alcântara, por exemplo, em uma palestra realizada na Sociedade de Arquitetos e Engenheiros do Rio de Janeiro, durante o Seminário de Estudos Turísticos, declarou que “seria leviano da [sua] parte fazer qualquer declaração sobre o Parque Lage, assunto do qual est[ava] inteiramente por fora” (O FLUMINENSE 2319, 1977).

[5] Disponível em: https://www.areasverdesdascidades.com.br/2016/11/parque-henrique-lage-no-rio-de-janeiro.html, Acesso: 20 fev. 2021.
[6] Disponível em: https://caminhagente.com.br/parque-lage/. Acesso: 20 fev. 2021.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

AQUÁRIO DO ENTREPOSTO DE PESCA

Com o fechamento do Aquário do Passeio Público, em 1937, e o abandono apresentado pelo Aquário da Quinta da Boa Vista, que culminou com a sua desativação na década de 40, começou a ser levantada a possibilidade da construção de um novo empreendimento desta natureza na cidade do Rio de Janeiro.

Em janeiro de 1938 o ministro Fernando Costa solicita a João Moreira da Rocha, então diretor do Serviço de Caça e Pesca,

> providências no sentido de ser construído mais um andar no predio em que esta sendo estudado para o Entre-posto de Pesca, afim de que seja installado, neste andar, um aquario para a exhibição de todos os peixes que ocorrem nas aguas do Distrito Federal, Estado do Rio (CORREIO DA MANHÃ 13.235, 1938).

A criação deste aquário fazia parte de um projeto mais abrangente que objetivava desenvolver a

> industria [da pesca] com a organização das pesquisas oceanographicas e de biologia marítima, e o projecto da construcção do Palacio do Mar, que se[ria] a séde da administração da Pesca, dos serviços sociais da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil, dispondo de aquario, museu, laboratorios e entreposto (CORREIO DA MANHÃ 13239, 1938).

O aquário do entreposto de pesca foi um empreendimento que acabou por não sair além do plano das ideias.

AQUÁRIO DO PALÁCIO MONROE

Quando Getúlio Vargas instaurou o Estado Novo, em 1937, o Senado Federal, que ocupava as instalações do Palácio Monroe, foi dissolvido e o Palácio permaneceu fechado até 1945. Em 1938, como um ato simbólico contra a democracia, levantou-se a hipótese da demolição do Palácio; proposta logo descartada pelo forte apelo popular que defendia a manutenção da edificação.

A alegação para a permanência do Palácio recaía no fato de esta construção arquitetônica ter sido a sede do pavilhão do Brasil durante a Exposição Universal de 1904, realizada na cidade de Saint Louis, nos Estados Unidos da América sendo, posteriormente, em 1906, totalmente desmontado, transportado e reconstruído na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, sua importância como monumento histórico era justificada pelo fato de ter sido palco, no mesmo ano de sua reconstrução na Cinelândia, do 3º Congresso Pan-Americano, onde foram firmados vários acordos de cooperação

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

que selaram as alianças políticas entre o Brasil e os Estados Unidos, com a participação de importante estadistas brasileiros, como Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco.

Uma das propostas para a reutilização de suas dependências incluía a instalação, na parte superior do prédio, de uma

> exposição permanente do Brasil, nas suas mais variadas manifestações, [enquanto] a parte terrea poderia servir para instalar um dos aquarios maritimos do Rio de Janeiro, uma vez que desappareceu recentemente o interessante aquariozinho que o grande Pereira Passos installou em 1904, no Passeio Publico. Apezar de pequeno, nada tinha a dever aos grandes aquarios de Londres e Paris (CORREIO DA MANHÃ 13.246, 1938).

Esta proposta tinha o objetivo de criar nas instalações do Palácio Monroe a

> Casa do Brasil, á semelhança do grande Palacio de Além-Mar, em Vincennes[7], perto de Paris, em que não se sabe o que mais admirar, se o gênio colonizador francez ou as bellas collecções de objectos de além-mar, inclusive o lindo aquário central com peixes exoticos, jacarés e tartarugas (CORREIO DA MANHA 13.246, 1938).

A proposta de construção de um aquário público marinho no Palácio Monroe não logrou êxito e o Palácio passou a ser utilizado por diferentes órgãos públicos após a sua reabertura em 1945. Em 1976, apesar do tombamento realizado pelo governo estadual, em 1974, o Palácio acabou por ser demolido[8].

AQUÁRIO DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS

Em 1938, uma outra proposta para a instalação de um aquário na cidade, agora nas proximidades da Lagoa Rodrigo de Freitas, já estava em discussão, quando o "ministro da Agricultura encarregou o diretor de Caça e Pesca a fazer o levantamento da Lagôa Rodrigo de Freitas, afim de estudar a possibilidade de ser ali instalado o aquário e também a creação de peixes de água salgada" (A NOITE 9.557, 1938). A construção desse aquário na Lagoa, contudo, não logrou êxito e a proposta do ministro foi arquivada.

[7] O Grande Palácio, citado pelo "Correio da Manhã", se refere ao edifício, em estilo *art-deco*, construído para a Exposição Colonial de 1931 em Vincennes, na França. Durante a exposição o Palácio abrigou uma exposição de artes decorativas provenientes das possessões francesas localizadas na África e na Oceania, além de um aquário com exemplares dos mares tropicais que tinha o objetivo de representar as paisagens exóticas dos trópicos. Atualmente, o *Palais de la Porte Dorée*, como é denominado, abriga além do Aquário Tropical, o Museu Nacional da História da Imigração. A coleção de arte africana e da Oceania foi transferida para o Museu du Quai-Branly, inaugurado em 2006.

[8] A demolição do Palácio Monroe foi decidida após a realização de um parecer técnico elaborado por um grupo de arquitetos modernistas que não reconheciam o valor estético desta construção. Esta decisão foi fortalecida pelo aval do presidente do Brasil, o general Ernesto Geisel, sob a alegação de que o Palácio Monroe impedia a visão do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no Parque do Aterro do Flamengo.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

Quase setenta anos mais tarde, mais precisamente em 30 de março de 2006, a CEDAE (Companhia Estadual de Água e Esgoto) apresentou uma proposta ao Ministério Público Estadual, demonstrando interesse de "construir no Jardim de Alah um aquário com reservatórios para peixes e plantas de águas doce e salgada" (MARQUEIRO, 2006), como uma forma de compensação pelo atraso das obras de melhoria do sistema de saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Segundo a CEDAE, o projeto do Aquário da Lagoa seria assinado por Oscar Niemeyer, inspirado no Aquário de Barcelona. Neste novo empreendimento o público, além de apreciar os espécimes expostos, teria a oportunidade de conhecer os programas de proteção sanitária implementados pela empresa para sanear a Lagoa Rodrigo de Freitas, funcionando como um espaço de educação ambiental para a população.

A proposta da construção de um aquário como uma medida compensatória pelo atraso das obras da CEDAE gerou uma reação de descontentamento - não só a nível do poder público, onde a

> Comissão de Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro não considera[va] o aquário uma compensação ambiental [pois uma] compensação seria [a construção de] uma central permanente para monitorar as águas da Lagoa, que acompanhasse todas as entradas e saídas de água e esgoto (JORNAL DO BRASIL 364, 2006),

mas também entre os moradores da área, que alegavam o desperdício de dinheiro na construção de um aquário em um local onde os peixes viviam morrendo devido à falta de infraestrutura nas cercanias da lagoa.

Com a polêmica causada em torno da construção do Aquário da Lagoa a CEDAE voltou atrás em sua proposta, alegando que a criação do aquário nunca havia sido um projeto da empresa, mas um tema para debates. No meio desta discussão, o próprio arquiteto Oscar Niemeyer declarou não ter sido contatado por nenhuma instituição para elaborar um projeto para a construção de um aquário na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Salgado & Marandino (2014) frisam que

> a construção de “aquários [...] mostram que a função desses espaços articulou ou privilegiou [...] a pesquisa no campo da zoologia de espécies marinhas e dulcícolas, o papel de entretenimento e a finalidade educacional. [...] as demandas relacionadas às questões ambientais e, em particular, a ameaça que os ecossistemas aquáticos vêm sofrendo, assim como a eminente perda de sua biodiversidade, levaram à valorização dessas instituições como locais de educação ambiental.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

No caso específico da Lagoa Rodrigo de Freitas, Andreata (2012) ressalta, ainda, que

> seria muito interessante a construção num logradouro próximo da lagoa [Rodrigo de Freitas], de um ou mais aquários públicos com exemplares das espécies que vivem naquele ambiente, para conhecimento das pessoas, inclusive turistas que visitam aquele belíssimo local da cidade.

A ideia da construção de um aquário na Lagoa Rodrigo de Freitas foi mais um empreendimento não concretizado que poderia ter contribuído de forma significativa para a implementação de mais um projeto que aumentaria a oferta de lazer e entretenimento à população, além de funcionar como um importante centro de educação ambiental.

AQUÁRIO DO PARQUE DO FLAMENGO

As obras de criação do Parque do Flamengo, iniciadas em 1951, culminaram com o aterro de parte da orla da baía da Guanabara, entre o Aeroporto Santos Dumont e a Enseada de Botafogo, realizado com o material proveniente do desmonte do Morro de Santo Antônio. Com o término da obra, em 1962, o Rio de Janeiro ganhou uma área de lazer com 1.251.244,20 m^2, na qual constava, no projeto original elaborado por Affonso Eduardo Reidy e Lotta Macedo Soares, a construção de um "complexo Aquário-Sombral, destinado a abrigar um aquário público com peixes de água doce e salgada, e um sombral com passarelas elevadas, no qual os usuários poderiam passar sobre a vegetação, conhecendo a flora nativa" (HARUYOSHI, 2001). O projeto paisagístico do entorno do aquário seria assinado por Burle Marx.

Com o falecimento de Reidy, em 1964, e de Lotta, em 1967, associado à falta de vontade política dos dirigentes da época, as edificações não iniciadas que estavam previstas no projeto original, que implementariam as ações de caráter educativo originalmente propostas para o Parque, foram suspensas, provocando uma corrida especulativa pela ocupação da área (GIRÃO, 2011).

O projeto original previa, para a área localizada na ponta da Glória, além do aquário, viveiros para pássaros, cada um com 150 m^2, um grande ripado de plantas, com 2.160 m^2, utilizado como pavilhão para exposição permanente de flores, assim como outras edificações para a realização de atividades recreativas.

O Aquário do Parque do Flamengo teria um formato circular, com 38 m de diâmetro, e abrigaria "peixes e outras espécies animais e vegetais de rios e mares

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

brasileiros. Não chegaria à complexidade do programa de um museu oceanográfico, pois a finalidade do aquário e do ripado para plantas era o passeio em meio a atividades educativas mais amenas" (GIRÃO, 2011). Ocupando a ponta da enseada da Glória, o aquário representaria, no desenho original, o olho de um grande peixe, cujas escamas seriam produzidas pelo efeito de canteiros dispostos ao longo dos Jardins do Bosque e da Área de Piquenique.

Em 1976, toda a área da ponta da Glória foi cedida ao município do Rio de Janeiro, sob regime de aforamento, para a implantação do complexo "Marina-Rio", autorizado pelo IPHAN. Em 2009, a empresa responsável pela administração da Marina da Glória passa a integrar o grupo empresarial EBX, do empresário Eike Batista, responsável pela administração do Hotel Glória, que já tinha manifestado, junto à municipalidade, a intenção de construir um píer especial para um barco de luxo que realizaria passeios pela baía da Guanabara. Girão (2011) aponta para a "tendência de tratar o Parque do Flamengo como 'quintal' do Hotel: Serão investidos R$ 150 milhões para transformar o local em espaço de gastronomia, turismo e lazer. A proposta é integrar a Marina ao Hotel Glória".

Apesar do IPHAN defender a implantação do projeto original de Reidy e Lotta, inicialmente previsto para este espaço, com a construção do aquário e a criação de uma grande área de recreação para a população, com caráter educativo, os interesses econômicos em explorar a Marina da Glória, cada vez mais intensos, fazem com que o Aquário do Parque do Flamengo esteja fadado a ser mais um empreendimento que não sairá do papel.

AQUÁRIO MARINHO DO RIO DE JANEIRO - AQUARIO

O Aquário Marinho do Rio de Janeiro (AquaRio) é o mais novo empreendimento da cidade que envolve a criação de um espaço para a exposição de organismos vivos. Este empreendimento, inaugurado em 31 de outubro de 2016, nasce dentro da proposta de revitalização da zona portuária, aos moldes dos grandes oceanários criados em diversas cidades do mundo, como Lisboa, Barcelona, Okinawa e Dubai.

Com o intuito de preservar as edificações tombadas da zona portuária do Rio de Janeiro, muitas delas em precário estado de conservação, o governo municipal vem implantando uma política que tem como meta aliar o desenvolvimento econômico desta região à preservação dos monumentos históricos, contando, para isto, com a parceria da iniciativa privada.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

O prédio definido pela prefeitura para abrigar o maior aquário marinho da América do Sul, o antigo armazém da CIBRAZEM (Companhia Brasileira de Armazenamento), por ser uma edificação tombada, teria que manter sua fachada externa preservada quando da adaptação deste espaço a seu novo uso.

O projeto arquitetônico, elaborado pelo Instituto Museu Aquário Marinho do Rio de Janeiro, única proposta apresentada ao processo de licitação, de autoria de Alcides Horácio Azevedo, constituiu o primeiro empreendimento privado a participar do 'Porto Maravilha', programa de revitalização da área portuária da cidade.

O circuito expositivo ocupa dois andares do complexo e tem, como proposta, “gerar espaços e ambientes que surpreendam e despertem o interesse de seu público, alternando estrategicamente exibições de situações do mundo real e do virtual, este último incorporado como um diferencial inovador e específico do AquaRio” (A PREFEITURA, 2007: 4).

A principal atração do aquário é seu grande tanque central, um reservatório cilíndrico com sete metros de altura e capacidade para armazenar 3,7 milhões de litros de água. Este amplo tanque apresenta dois ambientes distintos: o Recinto Oceânico e o Recinto para mergulhos, separados por um túnel de 30 metros de extensão através do qual o público pode observar os espécimes marinhos expostos. A área total de exposição, formada pelo tanque central e por 28 recintos, abriga cerca de 8.000 animais de 350 espécies diferentes, dentre peixes, crustáceos e celenterados.

O projeto inicial incluía a exibição de Pinguins e Lobos-marinhos e mesmo, segundo Marcelo Szpilman, diretor-presidente do AquaRio, um ou dois ursos-polares (Revista Fator, 2009). A justificativa para tal propósito recaía no fato de o Urso-polar “ter sido símbolo do antigo frigorífico que funcionava no prédio da CIBRAZEM, onde o AquaRio [foi] construído, tendo inclusive um destacado ornato decorativo reproduzindo o animal na fachada ... preservada e restaurada” (Revista Fator, 2009).

A inclusão de exemplares de ursos polares dentre os espécimes expostos, presente na ideia inicial do AquaRio seria mais uma estratégia de *marketing* comercial, utilizando-se da imagem de um animal que desperta um forte apelo sentimental nas pessoas. A declaração de Szpilman, na época, repleta de ideais conservacionistas e de propostas educativas, defendia a inclusão do Urso-polar no plantel da instituição alegando que com este ato poderia

> participar da campanha mundial de preservação dessa espécie, seriamente ameaçada pelo aquecimento global. Além de atuar como depositário da biodiversidade do Planeta, sua exposição no AquaRio

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

> teria o importante papel educador de desmitificação e aproximação do público (Revista Fator, 2009).

Com certeza, a ideia de preservação associando a imagem do Urso-polar aliada aos problemas de aquecimento global é um forte estímulo para a conscientização ambiental do planeta. Mas manter, como proposto por Szpilman, um ou dois exemplares de uma espécie considerada vulnerável pela União Internacional de Conservação da Natureza (UICN), não faria sentido, pois, tendo como proposta ser um espaço misto de experiências reais e virtuais, esta mensagem pode ser transmitida em um espaço virtual interativo construído especialmente para esta finalidade.

O Aquário Marinho do Rio de Janeiro nasce, assim, como um megaespaço expositivo, numa cidade com seus megaproblemas de infraestrutura e de serviços prestados à população, onde seus dois pequenos aquários, ainda ativos na cidade: o Aquário da Quinta da Boa Vista e o Aquário do Parque Lage, lutam há anos para se manter com as parcas verbas provenientes da administração pública, na tentativa de oferecer à população entretenimento e informação sobre os organismos aquáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da exposição de organismos aquáticos vivos é um tópico que merece uma atenção mais detalhada por parte dos historiadores, museólogos e biólogos. Os aquários, instituições reconhecidas pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus), como museus desde sua criação, em 1946, são muito pouco abordados nos trabalhos acadêmicos que tratam do estudo do patrimônio edificado presente na cidade do Rio de Janeiro.

Neste artigo foi possível traçar um breve levantamento da história destes espaços expositivos, não só dos projetos que não chegaram a sair do papel mas, principalmente, daquelas instituições que tiveram, e ainda têm, uma importância para o estudo, a pesquisa e a educação da população carioca em relação aos organismos aquáticos vivos, e que são raramente referidas nos estudos acadêmicos.

BIBLIOGRAFIA

A NOITE, Rio de Janeiro, ano XXVI, Nº 9.130, 13 jul. 1937. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_03&pasta=ano%20193&pesq=aquario&pagfis=45724. Acesso: 10 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVIII, Nº 9.557, 18 set. 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_03&pasta=ano%20193&pesq=aquario&pagfis=57438. Acesso: 20 mai. 2012.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

A PREFEITURA. Rio terá o maior aquário marinho da América Latina. Diário oficial do município do Rio de Janeiro, ano XXI, Nº 13, 02 abr. 2007, p. 4

ANDREATA, José V. Ictiofauna da Lagoa Rodrigo de Freitas, Estado do Rio de Janeiro: Composição e aspectos ecológicos. Oecologia Australis **16**(3): 467-500, Setembro 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/oa/article/view/8222. Acesso: 17 mar. 2021.

AGCRJ - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Sobre o projeto de Colatino Marques de Souza de construir um aquário na enseada de Botafogo, 1889. BR.RJAGCRJ.CM.AQRM.39.3.18.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Bibliographico Brazileiro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, vol. 2, 1893.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ano XXXVII, Nº 13.235, 01 jan. 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=aquario&pagfis=44244. Acesso: 20 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXXIII, Nº 13.239, 07 jan. 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=aquario&pagfis=44325. Acesso: 31 mar. 2021.

_____, Rio de Janeiro, ano XXXVII, Nº 13.246, 15 jan. 1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&Pesq=aquario&pagfis=44451. Acesso: 31 mar. 2021.

_____, Rio de Janeiro, ano LXXI, Nº 24.013, 26 jul. 1971. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=\\192.168.140.1\bn10\089842_08\089842_08.DocPro&pesq=aquario&pagfis=22654. Acesso: 20 mai. 2012

DAVID, Fávia; JAMEL, Alessandra. Fundação RIOZOO: 62 anos de belezas naturais, educação e entretenimento. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/riozoo.htm. Acesso: 07 abr. 2012.

Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, 02 abr. 2007. Disponível em: https://doweb.rio.rj.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1395/#/p:1/e:1395. Acesso: 13 mar. 2021.

DIAS, Vera. Os monumentos desaparecidos da cidade do Rio de Janeiro - Esculturas femininas, 2010. Disponível em: http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com.br/2010/11/os-monumentos-desaparecidos-da-cidade_21.html. Acesso: 15 jun. 2011.

GIRÃO, Claudia. Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina - parte 2. *In*: Arquitextos 136.01, ano 12, set. 2011. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4048. Acesso: 31 mai. 2012.

GOSSE, Philip Henry. The Aquarium: An unveiling of the wonders of the deep sea. John van Voorst, Paternoster row, London, 1854.

HARUYOSHI, Ono. Recuperação e Revitalização do Parque do Flamengo. Paisagem e Ambiente, São Paulo n. 15 p. 127 – 141, dez. 2001. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40200/43066. Acesso: 31 mai. 2012

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano 115, Nº 364, 07 abr. 2006. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_12&pasta=ano%20200&pesq=aquario&pagfis=155646. Acesso: 12 mar. 2021.

LUCENA, Felipe. Antigos aquários do rio. In: diariodoRio.com, 14 out. 2018. Disponível em: https://diariodorio.com/antigos-aquarios-do-rio/. Acesso: 02 abr. 2021.

MARQUEIRO, Paulo. Cedae apresenta proposta de construção de aquário no Jardim de Alah. Jornal O Globo, 05 abr. 2006. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/cedae-apresenta-proposta-de-construcao-de-aquario-no-jardim-de-alah-4591306. Acesso: 01 mai. 2012.

NAJJAR, Rosana; MACEDO, Jackeline de; STANCHI, Roberto Pontes; ANDRADE, Inês el-Jaick; SAMPAIO, Ana Cristina; MARTINS, Christiane; PEREIRA, Júlia Wagner; MARQUES, Júlio Felipe. SARMENTO, Paulo César; FONSECA, Thalita; CÂMARA, Jamile. A Arqueologia de um

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

jardim: Pesquisa arqueológica do Passeio Público do Rio de Janeiro/RJ. Revista Habitus. v. 5, n. 2, p. 455-479. Goiânia, Jul./Dez. 2007.
Disponível em: http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/545/435. Acesso: 06 mai. 2012.

O FLUMINENSE, Niterói, ano C, Nº 2319, 13 out. 1977,. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=100439_11&pasta=ano%20197&pesq=parque%20lage&pagfis=48819. Acesso: 19 mar. 2021.

O JORNAL, Rio de Janeiro, ano I, Nº 46, 01 ago. 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_01&pesq=aquario&pasta=ano%20191&pagfis=387. Acesso: 06 mai. 2012.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XIX, Nº 6.689, 31 jan. 1903. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=aquario&pasta=ano%20190&pagfis=5530. Acesso: 06 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XX, Nº 6.980, 18 nov. 1903. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=aquario&pasta=ano%20190&pagfis=6830. Acesso: 06 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XX, Nº 7.271, 04 set. 1904. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=aquario&pasta=ano%20190&pagfis=8270. Acesso: 06 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXII, Nº 8.016, 14 set. 1906. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=aquario&pasta=ano%20190&pagfis=12415. Acesso: 06 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVI, Nº 9.337, 29 abr. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=1580. Acesso: 01 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVII, Nº 9..503, 12 out. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=3904. Acesso: 24 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVII, Nº 9.556, 04 dez. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=4634. Acesso: 20 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVII, Nº 9.717, 15 mai. 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=6764. Acesso: 24 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVIII, Nº 10.433, 01 mai. 1913. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=16644. Acesso: 13 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXVIII, Nº 10.557, 02 set. 1913. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=aquario&pagfis=18595. Acesso: 12 mai. 2012.

_____, Rio de Janeiro, ano XXIX, Nº 10.921, 01 set. 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=AQUARIO&pasta=ano%20191&pagfis=24396. Acesso: 11 mar. 2021.

_____, Rio de Janeiro, ano XXIX, Nº 10.934, 14 set. 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=AQUARIO&pasta=ano%20191&pagfis=24591. Acesso: 14 mai. 2012.

PAIS, José Alberto. Jardim Zoológico: Desafios para a aplicação do conceito de Museu aos espaços de exposição de organismos vivos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRI) / Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2013.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2021v14n2p13-47

_____. A evolução da museografia nos museus com coleções zoológicas vivas: o caso do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. In: ARNALDO, Javier; HERRERO, Alicia; DI PAOLA, Modesta (Eds.). Historia de los museus, historia de la museología: España, Portugal, América. Ediciones Trea, España, 2020, pp. 297-304.

PASSOS, Francisco Pereira. Decreto N. 976 de 31 de dezembro de 1903: orça e fixa a Despeza Municipal para o exercício de 1904. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&pesq=aquario&pasta=ano%20190&pagfis=24669. Acesso: 06 mai. 2012.

PERROTA, Isabella. A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro, a partir dos seus primeiros guias para viajantes estrangeiros. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, Julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308093851_ARQUIVO_A_construcao%28guias%29_revisado.pdf. Acesso: 27 abr. 2012.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Projetos de incentivo ao desenvolvimento econômico aliado à preservação do patrimônio cultural. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_incentivo_desenv_econ_aliado_preserv_patrim_cultural.shtm Acesso: 01 mai. 2012.

Revista Fator. AquaRio estuda ter um urso polar em exposição. 16 abr. 2009. Disponível em: http://www.revistafator.com.br/ver_noticia.php?not=74411. Acesso: 01 jun. 2012.

ROSA, Francisco Ferreira da. Rio de Janeiro em 1922-1924. Rio de Janeiro: Typographia do Annuario do Brasil (Almanak Laemmert), 1924. 222 p. (Coleção Memória do Rio 3).

ROSSANI, Argentino. Los Acuarios de Rio de Janeiro. Editorial Alba Limitada, 29 p., 1935(?).

SALGADO, Maurício de Mattos; MARANDINO, Martha. O mar no museu: um olhar sobre a educação nos aquários. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.21, n.3, jul.-set. 2014. p.867-882.

SECPAR - Secretaria Especial de Concessões e Parcerias Público-Privadas. Apoio na estruturação de projeto para a administração do Zoológico da Cidade do Rio de Janeiro: Caderno de orçamentos. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5869572/4153377/ESTIMATIVADEORCAMENTO.pdf. Acesso: 28 set. 2019.

TOWNSEND, Charles Haskins. Guide to the New York Aquarium. New York Zoological Society, 1919. Disponível em: https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433009085766&view=1up&seq=11. Acesso: 18 mai. 2012.

Data de recebimento: 21.04.2021

Data de aceite: 14.07.2021